

2010

Sollemnitas Sancti Francisci



Ordo Fratrum Minorum

Reavivar nossa fé nos sacerdotes

Carta do Ministro e Definitório Geral para a Festa de São Francisco

*Caríssimos Irmãos,
O Senhor lhes dê a paz!*

Como já tornou-se tradição, escrevemos a vocês nesta ocasião para saudá-los e desejar a vocês uma feliz festa do Pai São Francisco. Que seja uma oportunidade para revigorar o nosso carisma empenhados no seguimento de Cristo, de acordo com a forma de vida que São Francisco nos deixou.

Repensando o *Ano Sacerdotal*, concluído recentemente, e também a pedido de muitos Irmãos, este ano desejamos partilhar com vocês alguns pontos de reflexão sobre o sacerdócio ministerial à luz dos *Escritos* de São Francisco, de modo a iniciar uma consideração sobre a identidade dos Frades chamados ao sacerdócio, como nos pediu o Capítulo Geral de 2009 no *mandato* 2.

Com o *Poverello* de Assis e em sintonia com a Igreja, queremos aprofundar na fé o ministério sacerdotal “que não é simplesmente uma ‘profissão’, mas um sacramento” (Bento XVI, Homilia, 11 junho de 2010). Por isso mesmo, trata-se de uma realidade bonita e grande, confiada a homens escolhidos “entre os homens para os homens” (Hb 5,1) e que mostra, acima de tudo, a “audácia de Deus, que aos seres humanos confia a si mesmo; que, mesmo conhecendo nossas fraquezas, considera os homens capazes de agir e de ser presentes em seu lugar. Esta audácia de Deus é a dimensão grande que se esconde na palavra ‘sacerdócio’” (Bento XVI, l.c.).

“O Senhor me deu... uma fé tão grande nos sacerdotes” (Test 6)

Há oito séculos, Francisco confessou explicitamente no Testamento a sua fé convicta nos sacerdotes, mesmo “nos sacerdotes pobrezinhos”; fé que nós somos chamados a viver hoje, redescobrimo o significado do ministério sacerdotal para a nossa vida e missão.



Para Francisco, o sacerdócio é visto, antes de tudo, relacionado “com o Corpo e Sangue de Cristo...” e com as “santas palavras... do Senhor nosso Jesus Cristo, que os clérigos pronunciam, anunciam

e administram” (2Fi 33-34). Isto quer dizer, concretamente, que é através do ministério apostólico, do qual os sacerdotes participam, que recebemos o anúncio do Evangelho e os sacramentos da salvação, isto é, o Batismo, a Eucaristia e o perdão dos pecados, que nos tornam verdadeiros filhos de Deus e nos constituem como membros do Corpo de Cristo. Compreende-se melhor, então, porque Francisco quer sempre “recorrer sempre a eles (aos sacerdotes)... E não quero considerar neles o pecado, pois neles vejo o Filho de Deus e eles são os meus senhores” (Test 6-9).

Na atual situação da Igreja, é de fundamental importância atingir as raízes desta realidade que Francisco fala. Ele nos ilumina para saber como nos comportar, em nossa existência concreta de crentes, diante dos sacerdotes e, se somos sacerdotes, diante de nosso ministério. “Compreender novamente a grandeza e a beleza do ministério sacerdotal” (Bento XVI, l.c.) quer dizer aceitar ao mesmo tempo, com realismo e humildade, que esta grandeza e esta beleza estão contidas “em vasos de barro” (2Cor 4,7), sem escandalizar-nos ou, pior ainda, separar-nos da Igreja que, através do ministério dos sacerdotes, nos permite ter pleno acesso a Jesus e à salvação.

“Considerai a vossa dignidade, irmãos sacerdotes” (Ord 23)

Francisco falou dos sacerdotes e do comportamento que se precisa ter em relação a eles em diversas ocasiões. A Fraternidade que formou-se aos poucos ao redor dele compreendia *seja clérigos seja leigos*, como demonstram alguns de seus *Escritos*: “os frades meus benditos, seja clérigos seja leigos, confessem os seus pecados aos sacerdotes da nossa Religião” (RnB 20,1; cf RB 7,2). Já mais ao fim de sua vida, quando os frades sacerdotes tinham-se tornado mais numerosos, reservou aos “frades sacerdotes que são, serão e desejam ser sacerdotes do Altíssimo” (Ord 14), uma parte consistente de sua Carta a Toda Ordem, que é endereçada “a todos os ministros e custódios e sacerdotes desta fraternidade”, qualificados como “humildes em Cristo” (Ord 3). Isto parece ser uma lembrança, um desejo e uma admoestação!

A parte central da mensagem, dedicada aos sacerdotes, refere-se à celebração da Eucaristia. Francisco recorda aos sacerdotes que devem aproximar-se deste sacramento “puros” e também que “cum-

pram com reverência o verdadeiro sacrifício do santíssimo Corpo e Sangue do Senhor nosso Jesus Cristo, com intenção santa e reta, não por motivos terrenos, nem por temor ou amor de algum homem, como se devesse agradar aos homens. Mas toda vontade, pela que lhe ajuda a graça divina, se dirija a Deus, desejando agradar somente ao mesmo sumo Senhor” (Ord 14-15). Este acúmulo repetitivo de coisas para fazer e para evitar denota em Francisco uma certa inquietação, porque existe a possibilidade das coisas acontecerem diversamente. Parece-nos que tal preocupação não vale somente para o passado. As severas admoestações e ameaças que seguem, tiradas da Carta aos Hebreus, demonstram a seriedade com que Francisco coloca-se diante do sacramento da Eucaristia e da Palavra de Deus.

O todo, porém, indica sublinhar a incomparável grandeza – a dignidade – do sacerdócio. Com um realismo paradoxal, Francisco fala do frade sacerdote como alguém que “toca com suas mãos, recebe no coração e com a boca e oferece aos outros para que comam d’Ele, Ele já não morto, mas eterno vivente e glorificado, sobre o qual os anjos desejam volver o olhar” (Ord 22). Ousa até comparar o sacerdote a Maria que trouxe o Cristo em seu ventre, a João Batista que tremeu ao tocar a cabeça de Jesus, ao túmulo onde esteve seu corpo (Ord 21). Eis aí o sentido profundo do ministério que Deus conferiu aos sacerdotes e pelo qual a eles sejam devidos amor, reverência e honra.

O fio condutor do texto nos conduz a uma profundidade ainda maior: a revelação da humildade de Deus através da Eucaristia. A descrição muito realista – carne e sangue, mão que toca e que distribui, boca que come – se abre sobre um último e estupendo mistério: Deus que se humilha na Eucaristia, assim como já acontece no momento da encarnação, deixando o seio glorioso do Pai para assumir a fragilidade da condição humana (cf. Adm 17-18; 2Fi 4). O tornar-se carne de Jesus já manifestava o abaixamento de Deus, a sua *kenosis*; na Eucaristia, esta realidade vai além: não assume nem mesmo um corpo humano, mas faz-se presente sob o sinal do pão, uma simples coisa cotidiana. “Olhem, irmãos, a humildade de Deus – exclama Francisco – e abram diante dele os corações de vocês; humilhem-se vocês também, para que sejam exaltados por ele. Nada de vocês, então, retenham para vocês mesmos, para que todos e por inteiro os acolha aquele que se oferece todo a vocês” (Ord 28-29). A humildade de Deus manifestada na Eucaristia é apresentada por Francisco como base e fundamento

da vocação evangélica à qual somos chamados.

A nossa fé nos sacerdotes e o que vivemos

A visão que Francisco tem do ministério sacerdotal pode parecer teórica, idealista, mas é inspiradora para o comportamento que nós devemos ter também hoje.



Estamos bem conscientes que a consideração que se tem atualmente para com os sacerdotes não é muito alta! Algumas situações conhecidas por todos nos mostram claramente: além da diminuição das vocações ao sacerdócio em muitos países, a falta de fé generalizada que se vive no mundo e na Igreja, as acusações de abusos cometidos sobre menores por parte de alguns sacerdotes, o próprio estilo de vida que conduz o sacerdote muitas vezes a viver “separado” dos fiéis leigos, fazem com que a estima pelo ministério sacerdotal e a fé nos sacerdotes diminuam sempre mais.

Apesar de tudo isso, somos convidados a renovar a nossa fé sobre aquilo que fundamenta o ministério sacerdotal, reafirmando a sua necessidade para a Igreja, mesmo sabendo que os sacerdotes, como a própria Igreja, não são nunca seres perfeitos. Para se conseguir viver tudo isso, não há nada melhor que meditar este texto muito pessoal de Francisco: “o Senhor me deu e me dá uma fé tão grande nos sacerdotes... por causa da Ordem deles, que se me perseguissem, quero recorrer exatamente a eles. E se eu tivesse tanta sabedoria quanto teve Salomão e encontrasse sacerdotes pobrezinhos deste mundo, nas paróquias em que moram, não quero pregar contra a vontade deles. E estes e todos os outros quero temer, amar e honrar como a meus senhores, e não quero considerar neles o pecado, pois neles vejo o Filho de Deus e eles são os meus senhores. E faço isto, porque do próprio altíssimo Filho de Deus nada vejo corporalmente neste mundo, senão o santíssimo Corpo e o santíssimo Sangue dele que eles recebem e só eles administram aos outros” (Test 6-10).

“A Ordem dos Frades Menores é formada por frades sejam clérigos ou leigos” (CCGG 3,1). A nossa vocação franciscana não é, então, necessariamente

ligada ao sacerdócio. Aqui vale o que escreveu o Apóstolo: “Cada um permaneça na vocação à qual foi chamado” (1Cor 7,20); sobretudo o que foi dito por Jesus aos seus Apóstolos: “Não foram vocês que me escolheram, mas eu escolhi a vocês” (Jo 15,16). A vocação sacerdotal, como a laical, não é uma escolha nossa, mas um chamado específico de Deus. A nós cabe simplesmente responder com generosidade. Em toda vocação reconhecemos um dom de Deus à Igreja e à humanidade. Iguais pelo profissão (cf. CCGG 3,1), todos somos chamados a viver como irmãos e de acordo com as exigências da mesma vocação e missão: “na diversidade dos ministérios, todos os cristãos são chamados a responder à Palavra do Senhor que envia para anunciar a boa nova do Reino” (PdE 25). Quem foi chamado, além disso, para exercer o ministério sacerdotal deve recordar-se sempre que tal ministério não pode ser assumido como uma promoção a nível humano ou uma dignidade pessoal que nos coloca em nossas fraternidades superiores aos outros nossos Frades leigos ou ainda na Igreja superiores aos fiéis leigos. Em profunda comunhão com todos, particularmente com os últimos e, em espírito de *conversão eclesial*, abertos a uma missão partilhada (cf. PdE 25), para nós o sacerdócio é para ser vivido de acordo com o que exige nossa

identidade de Frades Menores, como vem indicado em nossas Constituições Gerais e nas Prioridades. É assim que o dom do sacerdócio na Ordem será uma grande riqueza para construir o Reino entre nós.

Caros Irmãos, eis alguns pontos para estimular-nos a uma mais ampla reflexão sobre a identidade dos Frades chamados ao ministério sacerdotal. Convidamos a todos, portanto, a continuar tal reflexão nas Fraternidades, Províncias e Custódias de vocês. Convidamos, particularmente, a refletir sobre o ponto de partida, a *humildade de Deus*, como escreveu Francisco ou sobre a *audácia de Deus*, como disse Bento XVI.


Não podemos concluir melhor que citando as palavras de Francisco: “consideramos todos os clérigos e todos os religiosos como senhores nas coisas que dizem respeito à salvação da alma e que não desviam da nossa religião, e veneramos a ordem sagrada, o ofício e o ministério no Senhor” (RnB 19,3-4).

Sobre todos vocês, amados Irmãos, clérigos e leigos, desça abundante a bênção do Senhor.

Os seus Irmãos do Definitório:

Roma, 15 de julho de 2010
Festa de São Boaventura




Fr. José Rodríguez Carballo ofm (Min. gen.)

Fr. Michael Anthony Perry, ofm (Vic. gen.)

Fr. Vincenzo Brocanelli, ofm (Def. gen.)
Fr. Vicente-Emilio Felipe Tapia, ofm (Def. gen.)
Fr. Nestor Inácio Schwerz, ofm (Def. gen.)
Fr. Francis William Walter, ofm (Def. gen.)
Fr. Roger Marchal, ofm (Def. gen.)
Fr. Ernest Karol Siekierka, ofm (Def. gen.)
Fr. Paskalis Bruno Syukur, ofm (Def. gen.)
Fr. Julio César Bunader, ofm (Def. gen.)
Fr. Vincent Mduduzi Zungu, ofm (Def. gen.)


Fr. Aidan McGrath, ofm (Seg. gen.)